

Liderança e ministérios de mulheres em Atos dos Apóstolos*

I voni Richter Reimer

Atos dos Apóstolos faz parte da obra de Lucas e foi escrito por volta do ano 90 (século I). Este livro testemunha sobre o surgimento de comunidades judeu-cristãs que dão seguimento ao movimento de Jesus, narrado no evangelho de Lucas. Esta continuidade é garantida através do poder dinâmico do Espírito Santo, que chama e vocaciona mulheres e homens para o testemunho (At 1,8). A morte de Jesus na cruz não teve a última palavra: Jesus Cristo continua vivo em meio às comunidades!

Se por um lado, Atos afirma esta continuidade, por outro lado ele também indica para algumas rupturas em relação ao movimento de Jesus. Diferente dos evangelhos, Atos praticamente não menciona crianças e silencia totalmente a respeito do apostolado de Maria Madalena, tão destacado nas narrativas evangélicas da ressurreição! Percebemos esta dinâmica literária de exclusão feminina na construção da memória do movimento de Jesus principalmente em Atos 1, que menciona mulheres apenas à margem, referindo-se nominalmente somente à Maria, mãe de Jesus (1,14). Do ponto de vista narrativo e historiográfico, é também aqui que se perdeu a oportunidade de eleger uma mulher para substituir Judas e compor o grupo dos Doze. O critério teológico para participar da 'candidatura' à eleição era ter acompanhado Jesus desde o início de seu ministério até a ressurreição (At 1,21-22), e isto Maria Madalena preenchia completamente (veja Lc 8,1-3; 24,1-10)! O critério sociocultural androcêntrico, porém, foi o que predominou e venceu: era necessário que fosse um *homem* (1,21: *anér*)... Assim, ao reconstituir a memória do

* A ser publicado na obra Bíblia para Mujeres, das Sociedades Bíblicas Unidas.

movimento de Jesus, Atos acaba diminuindo a importância igualitária que as mulheres tinham no mesmo.

É dentro desta perspectiva maior que Atos também faz memória das origens de comunidades judeu-cristãs na Palestina e em outros territórios no Império Romano. No conjunto, portanto, é importante saber que aquela memória do movimento de Jesus e a promessa do ressuscitado (At 1,8) servem como base para a expansão missionária testemunhada em Atos. Neste escrito, destaca-se a importância de Pedro e de Paulo na obra missionária do anúncio do evangelho e da construção de comunidades¹. É em torno destes dois apóstolos que se constrói e desenvolve a narrativa. Por isto, mulheres só são mencionadas caso entrarem em contato ou confronto com os dois. É apenas assim, e de forma fragmentária, que temos notícias sobre a atuação de mulheres em comunidades judeu-cristãs originárias. Visto desta maneira, são muitas as mulheres em distintas situações que são mencionadas em Atos.

De forma geral e sem muitos detalhes, temos notícias sobre a conversão de mulheres e sua subsequente participação - tão anônima quanto a de homens - na vida da igreja (5,14; 8,12; 17,4.12; 21,5-6). Temos informações sobre a presença de mulheres na igreja de Jerusalém, através das narrativas de perseguição que Saulo realizava contra a igreja (8,1-3; 9,2; 22,4). Através de rápida menção, sabemos da conversão e participação de quatro mulheres profetisas em Cesaréia (21,9), da filósofa Damaris em Atenas (17,34), da mãe de Timóteo que o educou na fé (16,1). Ficamos sabendo de conflitos intra-eclesiais de ordem financeira e diaconal (5,1-11; 6,1-7). Temos notícias sobre conflitos de competência religiosa entre Paulo e a escrava pitonissa que representava outra expressão religiosa (16,16-18).

¹ Uma dinâmica diferente, por exemplo, acontece nas próprias cartas de Paulo, que também destacam mulheres como divulgadoras do evangelho de Jesus Cristo: Clóe (1 Cor 1,11); Febe (Rom 16,1-2); Priscila (1 Cor 16,19; Rom 16,3-5); Júnia apóstola (Rom 16,7).

Temos também notícias sobre mulheres que não se converteram à fé judeu-cristã (8,27; 13,50; 24,24; 25,13.23.30; 26,30).

O livro de Atos transmite poucas narrativas que falam mais detalhadamente a respeito de algumas mulheres. Estes textos, melhor analisados, nos fornecem importantes informações sobre as relações sociais e eclesiais dentro das quais aquelas mulheres viviam e atuavam naquele tempo. Por isto, vamos nos ater a estes textos para melhor nos aproximarmos da realidade de vida daquelas mulheres. Trata-se de Tabita (9,36-43), Maria (12,12-17), Lídia (16,11-15.40) e Priscila (18,1-3.18-28).

Na cidade portuária de Jope havia uma pequena comunidade de viúvas que se reuniam na casa de Tabita. Esta nos é apresentada como “discípula”, o que atesta a existência de mulheres discípulas nas igrejas originárias. Pessoas discípulas têm a função de transmitir os ensinamentos de Jesus, em palavra e ação. São responsáveis pela continuidade do evangelho libertador. Tabita parece ter sido uma mulher independente, visto que o texto não menciona nenhum homem junto com ela, sendo que era comum identificar mulheres através de marido ou filho. O texto destaca sua atividade missionário-diaconal: ela praticava misericórdia especialmente para com as viúvas que recebiam abrigo em sua casa. Junto com elas – e não *para* elas – Tabita confeccionava tecidos e roupas. Assim, podemos reconstruir sua atividade discipular no testemunho vivo do evangelho, vinculado com o trabalho prático-artesanal de sobrevivência daquele grupo. Movidada pela fé em Cristo, Tabita concretizava, naquele grupo, um dos direitos sociais vigentes na tradição judaica, que era cuidar das viúvas. Por isto, ela permanece viva na memória do seu povo, da sua igreja, para dentro da qual ela é ressuscitada.

Na cidade de Jerusalém, uma comunidade se reúne na casa de Maria, que é identificada através de seu filho João Marcos (companheiro

missionário de Paulo). O grupo se reúne para culto e oração, no caso, para celebrar a Páscoa (12,12.4). Deste grupo participava também uma escrava que é conhecida e mencionada por Rode. Isto indica para sua origem grega. Trata-se de uma menina escrava que deve ter sido vendida no mercado escravista daquele tempo. Ela faz parte da igreja que ali se reúne. Trata-se de uma escrava que tem nome, age de forma segura, fala e se auto-afirma diante do grupo. É, como Maria Madalena no caso de Jesus, anunciadora da novidade: Pedro está livre! Não acreditam nela, assim como não acreditaram em Maria Madalena... Por ser mulher? Por ser a Boa-Nova inusitada, mesmo que esperada? Em todo o caso, na casa de Maria, que é líder daquela igreja, há lugar para pessoas de diferentes etnias, gênero e classe social. Vivencia-se aqui o que se afirma na fórmula batismal, em Gal 3,28!

Na cidade de Filipos, encontramos-nos com um grupo de mulheres que se congregam e organizam em torno de Lídia. Estamos num contexto marcadamente político-econômico e religioso, numa colônia romana. Muitos caminhos e pessoas convergem para lá, de todos os lugares. Também Lídia e seu grupo vêm de outros lugares, da Ásia Menor. Tiatira é sua cidade de origem, mundialmente conhecida por suas tinturarias de púrpura vegetal. Ali Lídia deve ter aprendido a arte e o trabalho de fazer tintura, tingir lã, tecer e vender roupas. Trata-se de um trabalho árduo, cansativo e considerado "sujo" pela elite; era feito em grupo, principalmente por mulheres. O grupo de Lídia é caracterizado por "casa", da qual ela é a líder. Trata-se de uma "casa" sem *pater familias*, um grupo que vivia e trabalhava em conjunto. E em conjunto também celebrava sua fé. Eram prosélitas, convertidas à fé judaica, e praticavam seus costumes e rituais. Por isto estão reunidas no sábado, no prédio sinagoga para celebrar culto. E lá Paulo e Timóteo se encontram com elas, participam de sua celebração e anunciam o Messias Jesus. A conversão e o batismo acontecem, como também em

outras narrativas de Atos. É importante perceber que Lídia, em consequência do batismo e como prova de fidelidade a Jesus, oferece abrigo e hospedagem aos missionários que se encontram em situação de perigo (veja 16,19-24). Esta casa de mulheres testemunha a fé dentro da realidade cotidiana de trabalho, celebração e perseverança. Este grupo coloca os alicerces para a igreja que se tornou tão importante naquela cidade (veja 1 Tessalonicense).

O livro de Atos nos permite perceber a presença e a atuação de mulheres nas mais diferentes cidades espalhadas pelo Império Romano. Trata-se de mulheres que vivenciaram a graça de Deus através da presença viva do Cristo ressurreto. São mulheres que trabalhavam, viajavam e neste seu cotidiano atuavam como discípulas, missionárias e anunciadoras da boa-nova libertadora de Jesus Cristo.

Mesmo lamentando o processo literário de invisibilização de mulheres, podemos, a partir destes relatos, afirmar que sua presença continuou sendo tão forte nas comunidades a ponto de não poderem ser totalmente silenciadas. Por isto, temos que resgatar e reconstruir sua memória histórica a partir destes textos que, no diálogo com outros textos bíblicos, nos permitem desdobrar a quantidade e a qualidade de sua atuação.